

DIAGNÓSTICO SOBRE A QUESTÃO AMBIENTAL NAS MICRO E PEQUENAS INDÚSTRIAS MOVELEIRAS DE CHAPECÓ/SC

Anselmo Rocha Neto (UNOCHAPECÓ) anselmo@unochapeco.edu.br

Flavia Bortoluzzi (UNOCHAPECÓ) flaviabortoluzzi@hotmail.com

Resumo

O setor moveleiro tem se expandido de maneira bastante forte no oeste de Santa Catarina, e atualmente existem muitas micro e pequenas indústrias na região. Este estudo buscou diagnosticar a situação atual da questão ambiental nas micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC, para isto foram verificados o estado da arte, relatados as condições atuais existentes e identificados os principais problemas relativos ao meio ambiente. Este estudo caracterizou-se, quanto aos objetivos, por ser do tipo exploratório e, quanto aos procedimentos técnicos utilizados, uma pesquisa descritiva. A coleta de dados foi realizada em forma de questionário e observação. O questionário foi aplicado aos gestores com o intuito de coletar informações quanto à situação atual da questão ambiental, e a observação foi aplicada com a intenção de constatar se as informações coletadas vinham de encontro com os dados encontrados nos questionários. Ao final do estudo identificou-se o que as empresas em questão tem realizado com relação ao meio ambiente.

Palavras-chave: Gestão ambiental; Indústria moveleira; Chapecó

1 . Introdução

A partir da década de 60, começa-se a perceber mudanças consideráveis de abrangência social, com isso, surgem novas tendências sociais, econômicas e culturais diante de tamanha mudança o homem percebe sua responsabilidade no que diz respeito à qualidade de vida da sociedade atual, preocupando-se ao mesmo tempo com as gerações futuras.

O que se testemunha é uma forte mudança de valores a partir de uma crescente conscientização por parte da sociedade conseqüentemente, surgem mudanças significativas nas organizações. Na tentativa de acertar cada vez mais, diversas empresas estão mudando com o objetivo de tornarem-se mais produtivas e competitivas.

Antes de ser iniciado todo esse processo de mudanças, as organizações eram vistas como instituições econômicas que se preocupavam com questões internas fundamentais, quais sejam, o que produzir, como produzir e para quem produzir. Atualmente, além dessas preocupações, os gestores consideram ainda as influências provindas do meio externo. Porque não adianta mais olhar a organização somente de dentro para fora, quem comanda é o mercado, que exige que as organizações sejam vistas também de fora para dentro.

Se antes questões ambientais eram ignoradas e muitas vezes desconsideradas pelos gestores, atualmente, percebe-se que estas decisões influenciam diretamente na produtividade e

conseqüentemente no crescimento das organizações. Neste caso, nota-se que certas decisões tomadas não só influenciam a própria empresa, mas também os clientes, os concorrentes, a sociedade como um todo. Se uma empresa decidir transferir-se para uma determinada cidade, por exemplo, essa decisão irá alterar toda a vida da sociedade envolvida. As empresas precisam tomar suas decisões, considerando os reflexos sociais que possam originar, ignorar essas mudanças naturais tem causado a muitas empresas, custos extras e sem contar os embaraços em sua imagem institucional.

No que se refere à exportação, as exigências que dizem respeito à questão ambiental tornam-se ainda maiores, tanto é verdade que empresas poluidoras são severamente boicotadas do mercado. Com isso, os gestores se vêem praticamente obrigados a concentrarem esforços para reduzirem cada vez mais os prejuízos causados ao meio ambiente.

A Legislação Brasileira é clara e objetiva, no que diz respeito à defesa do meio ambiente. Inclusive, o governo federal mantém vários órgãos de controle nesta área. Apesar da preocupação expressa, pouco ou quase nada é feito, principalmente se comparado às exigências das leis estrangeiras.

As mudanças no processo de preservação ambiental têm sido provocadas principalmente pela pressão vinda da própria sociedade. Os gestores reconhecem que, ao respeitarem o meio ambiente, estão garantindo considerável diferencial no mercado cada vez mais competitivo. Para isso, é essencial a inclusão deste importante tema no planejamento estratégico das empresas.

A contribuição do presente artigo demonstra que ao mesmo tempo em que há uma pressão da sociedade, o gestor deve planejar cuidadosamente as ações neste sentido, para que, além dos benefícios à população, a empresa também se beneficie, gerando assim um “positivo ciclo vicioso”. Diante do exposto, percebe-se que as participações das empresas em programas ambientais devem ser relevantes e programadas, a partir do seu planejamento estratégico.

Diante do exposto, percebe-se que as participações das empresas em programas ambientais devem ser relevantes e programadas, a partir do seu planejamento estratégico. Mas como estabelecer essa consciência ao gestor do ramo moveleiro? O que as indústrias moveleiras fazem em relação à gestão dos resíduos sólidos, líquidos ou gasosos provenientes de seu processo produtivo?

Estas indagações menores, mas não menos importantes, culminam na questão de pesquisa proposta: Quais as ações que as micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC têm promovido em prol da questão ambiental?

Este estudo buscou como objetivo geral diagnosticar a situação atual da questão ambiental nas micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC, para isto foram, verificado o estado da arte, relatados as condições atuais existentes e identificados os principais problemas relativos ao meio ambiente para se implantarem melhorias.

2. As organizações e a questão ambiental

Quando as primeiras empresas surgiram à idéia que prevalecia é que poderia usufruir o quanto quisessem dos recursos naturais que existiam porque os recursos eram infinitos. Segundo Donaire (1999, p. 35): “as exigências eram poucas e a fumaça das chaminés era um símbolo de progresso, apregoada orgulhosamente na propaganda de diversas indústrias”. Entretanto, o que se observa é que isso não é bem verdade. Os recursos naturais são finitos e o Estado, os empresários e a sociedade precisam se conscientizar quanto a essa questão.

Aos atores ainda falta uma conscientização da importância que a questão ambiental tem. De acordo com Lopes (2002, p. XVII) a idéia que prevalece é que: "o Estado possui responsabilidade exclusiva na proteção dos recursos naturais da nação" e o que ajuda a sociedade pensar dessa forma é segundo Lopes (2002, p. XVII) o fato de que:

... Criam-se leis incompatíveis com a capacidade de implementação dos organismos reguladores. O fracasso dessas leis gera outras ainda mais restritivas, na tentativa de deter a degradação ambiental que avança com o tempo. Entretanto, a capacidade de aplicação das leis não melhorou, apesar de no papel elas poderem parecer mais rigorosas.

Lopes (2002, p. XVII), ainda continua explicando que:

O Estado inoperante é criticado porque a degradação ambiental ou a exaustão do recurso continua. Contudo a essência do problema não muda: o Estado continua com responsabilidade exclusiva na questão.

A sociedade observando que o Estado não está conseguindo cumprir o seu papel acaba por cobrar essa postura das empresas. De acordo com Tachizawa (2002, p. 25): "tem-se exigido das empresas um novo posicionamento em sua interação com o meio ambiente".

Os gestores interessados em implantar um programa de gestão ambiental precisam incorporar em seu planejamento estratégico um programa que se encaixe aos objetivos da empresa. Donaire (1999, p. 90) explica muito bem quando diz que:

... Pode-se dizer que o impacto da variável ecológica na estratégia da organização está ligado diretamente a seu potencial de poluição. Assim, se este potencial é alto, sua importância na estratégia é vital e sua correta avaliação uma questão de sobrevivência, seja a curto ou a longo prazo.

Entretanto, Donaire exemplifica quanto à questão de uma empresa que possui um potencial alto que se torna essencial para a sobrevivência da empresa, porém as empresas que possuem um potencial considerado médio ou pequeno também precisam levar em conta ter uma gestão ambiental. Os gestores quando forem pensar o planejamento estratégico não podem esquecer que essa é uma exigência da sociedade e, portanto essencial para a empresa. Na verdade, os gestores precisam se conscientizar que precisam prestar conta também a sociedade e estes não levam em conta se o potencial é considerado alto, médio ou baixo e sim, se a empresa está utilizando os recursos naturais de forma indevida.

Historicamente, é recente o uso de programas de gestão ambiental. O primeiro que foi implantado de acordo com Donaire (1999, p. 108) era: "conhecido por modelo Winter, desenvolvido a partir de 1972 pela empresa Ernst Winter & Sohn com sede em Hamburgo e Norderstedt na Alemanha". Muitos anos depois, segundo Donaire (1999, p. 108): "Backer (1995) em sua obra propôs planos de ação que devem ser estabelecidos em sintonia com o que denomina Estratégia Ecológica da empresa". A versão brasileira do programa de gestão ambiental se deve segundo Donaire (1991, p. 108) a: "Abiquim – Assoc. Bras. Ind. Química (1998) propõe aos seus associados o Programa Atuação Responsável, adotado oficialmente a partir de 1992". No entanto de acordo com Donaire (1999, p. 108): "a maneira mais adequada de estabelecer um programa de gestão ambiental para a empresa à estabelecer às Normas ISO 14001 e 14004 da ABNT que especificam diretrizes para a SGA – Sistema de Gestão Ambiental".

Existe um outro aspecto importante para a empresa, o fator econômico. Este é uma das principais dúvidas dos gestores quando da implantação de mudanças na empresa. De acordo com Donaire (1999, p. 51): "a idéia que prevalece é de que qualquer providência que venha a ser tomada em relação à variável ambiental traz consigo o aumento de despesas e o conseqüente acréscimo dos

custos do processo produtivo”. Fica claro que quando da implantação do programa de gestão ambiental muitas organizações têm um aumento nos seus custos devido a sua adaptação, mas a tendência segundo Tonic; Kraemer (2004, p. 119) é dos custos da empresa diminuir.

A introdução de práticas ambientais pode, (...), implicar a redução de custos, por meio da melhoria da eficiência dos processos, redução de consumos (matéria-prima, água, energia), minimização do tratamento de resíduos e efluentes e diminuição de prêmios de seguros, multas etc.

Através do quadro 1, Tonic e Kraemer identificam que as empresas que implantarem um programa de gestão ambiental irão ter diversos benefícios econômicos e estratégicos.

Benefícios econômicos
<p>Economia de custos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Redução do consumo de água, energia e outros insumos; • Reciclagem, venda e aproveitamento de resíduos e diminuição de efluentes; • Redução de multas e penalidade por poluição.
<p>Incremento de receita</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aumento da contribuição marginal de “produtos verdes”, que podem ser vendidos a preços mais altos; • Aumento da participação no mercado, devido à inovação dos produtos e à menor concorrência; • Linhas de novos produtos para novos mercados; • Aumento da demanda para produtos que contribuam para a diminuição da poluição.
Benefícios estratégicos
<ul style="list-style-type: none"> • Melhoria da imagem institucional; • Renovação da carteira de produtos; • Aumento de produtividade; • Alto comprometimento do pessoal; • Melhoria nas relações de trabalho; • Melhoria da criatividade para novos desafios; • Melhoria das relações com os órgãos governamentais, comunidade e grupos ambientalistas; • Acesso assegurado ao mercado externo; • Melhor adequação aos padrões ambientais.

Fonte: Adaptado de NORTH. K. Environmental Business Management *apud* TINOCO; KRAEMER, 2004, p. 120.

Quadro 1: Benefícios econômicos e estratégicos da gestão ambiental

Ainda se tratando do aspecto econômico precisa-se salientar quanto à questão da repercussão negativa que um acidente ambiental pode trazer a empresa.

Nos dias de hoje, umas das principais razões para que os empresários adotem a gerência ecológica é ao custo de acidentes ambientais. Embora esta não seja a única motivação, nem a mais importante do ponto de vista ético, não há dúvida de que o “passivo” de acidentes ambientais pode se tornar um grave problema para as empresas (JÖHR, 1994, p. 29)

Os gestores não podem esquecer que a empresa só tem a perder com um acidente ambiental. Além de ter que arcar com as multas e indenizações que um acidente pode vir a acarretar, a empresa ainda poderá ficar com a imagem institucional prejudicada e esses imprevistos podem vir a comprometer a saúde financeira da empresa.

E para piorar os gestores responsáveis pelo processo podem passar por constrangimentos legais. Segundo Johr (1994, p. 28): “... antes recaíam na sua quase totalidade sobre a pessoa jurídica da empresa envolvida, hoje têm atingido com frequência os executivos que estavam diretamente implicados nos desastres ecológicos”.

Por fim, os gestores precisam abandonar sua postura acomodada e começar a ter uma postura mais ativa principalmente quando se tratar de questões ambientais. Seria ideal que conseguissem

antecipar os acontecimentos e dessa forma obter um diferencial competitivo no mercado. Não se pode esquecer que a qualquer tempo a organização pode sofrer pressões ambientais de diversos agentes como, por exemplo, concorrentes, restrições legais, restrições trabalhistas, ações públicas, etc.

3. Histórico das indústrias moveleiras em Chapecó/SC

O município de Chapecó é situado no oeste do estado de Santa Catarina e possui aproximadamente 150 mil habitantes.

Pode-se dizer que a origem das indústrias moveleiras em Chapecó/SC compreende três fases: a exploração das propriedades, a montagem de serrarias e a Cooperativa Madeireira do Vale do Uruguai.

A primeira fase se deve a partir do ano de 1917, com a exploração da madeira existente na região pelos agricultores que migraram do Rio Grande do Sul. De acordo com Belani (1991, p. 91): “assim, nessa junção, condições de terra, mata existente e o imigrante, relacionam-se os elementos que vão formar a vida econômica, dentro do contexto sócio-cultural catarinense”.

A segunda fase se dá a partir de 1936, onde já existiam 109 empresas do ramo madeireiro em Chapecó/SC. Conforme Werlang (1992, p. 146): “(...) a atividade da extração madeireira foi importante por ser a única atividade rentável durante os primeiros anos de colonização e principalmente por ter abastecido com madeira a população na região”.

No ano de 1939, o governo brasileiro adotou algumas medidas ao comércio da madeira, as mais importantes segundo Belani (1991, p. 193) foi a: “proibição de montagem de novas serrarias e limitação da capacidade produtiva das existentes”. Pelo comércio cada vez mais competitivo e não poder montar mais serrarias, a classe madeireira chapecoense resolveu se organizar e no ano de 1944 resolveram fundar uma Cooperativa.

No final da década de 80, absorvendo a mão-de-obra provinda das indústrias extrativas da madeira favoreceu o início das indústrias moveleiras na cidade de Chapecó.

O que se observa é que existe atualmente um grande número de indústrias moveleiras na região oeste. E graças a isso, desde o ano de 2001, existe uma iniciativa onde o Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, em conjunto com a Amoesc - Associação dos Moveleiros do Oeste de Santa Catarina promovem a melhoria das indústrias moveleiras instaladas nessa região. Apesar desses incentivos, as indústrias ainda passam por problemas. Um dos exemplos são as indústrias moveleiras exportadoras. Atualmente, essas indústrias estão passando por problemas relacionados com a falta de contêiner. Na verdade, o contêiner é um produto escasso em todo o país e, na região oeste catarinense sua falta está causando problemas para que os móveis sejam enviados a países compradores. Segundo Valdir Bazzi, em agosto de 2004:

... a situação nos preocupa e as empresas estão administrando a situação de falta de contêineres. No Oeste o montante exportado ainda é tímido (cerca de 22 empresas atuam com exportação em pequena escala), porém, há grande mobilização e articulação com compradores estrangeiros.

Em curto prazo o que se observa é que esse problema enfrentado pelas indústrias tende a não ter solução já que para que seja resolvido necessitará de investimentos elevados. Seria necessário para resolver a situação, melhores condições do transporte até os portos e, ainda, melhoramentos nas suas estruturas. Esses investimentos tornariam o transporte dos produtos menos onerosos.

4. Metodologia utilizada

Nesta pesquisa a coleta de dados foi trabalhada a partir de um estudo bibliográfico e através de uma pesquisa documental buscando relatar a história da indústria moveleira em Chapecó/SC, bem como sua condição atual. O tipo de abordagem foi pelo método qualitativo e quantitativo. O método utilizado foi o da observação sistemática com o intuito de constatar evidências de ações em gestão ambiental nas micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC, para isso foram realizadas visitas “in loco”. A técnica utilizada foi o questionário, que quando aplicado aos gestores das indústrias, teve o intuito de coletar informações sobre a situação atual da questão ambiental. A utilização destes métodos teve a finalidade de relatar as condições atuais existentes e, também identificar os principais problemas relativos ao meio ambiente para as micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC implantarem melhorias.

Este estudo caracteriza-se, quanto aos objetivos, por ser do tipo exploratório e, quanto aos procedimentos técnicos utilizados, uma pesquisa descritiva. Exploratório por ser um tema muito pouco explorado e uma pesquisa descritiva porque foram utilizadas técnicas como questionário e observação sistemática com o objetivo de coletar informações sobre a situação atual da questão ambiental nas micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC.

A amostra desta pesquisa, em um primeiro momento, são as micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC, e, num segundo momento, consiste na totalidade dos gestores que atuam nestas indústrias. Ao final, obteve-se 10 indústrias participantes, totalizando 10 gestores que responderam ao questionário.

Após a coleta de dados, definiu-se qual a técnica para análise e interpretação dos dados. Nesse estudo foram utilizadas ferramentas como tabelas, quadros e gráficos.

5. Análise e interpretação dos dados

A seguir estão listadas as questões contidas no questionário e as respostas fornecidas pelos gestores das micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC, obteve-se 10 indústrias participantes, totalizando 10 gestores que responderam ao questionário. Eis as questões:

5.1. Qual a faixa etária em que você se enquadra: Todos os gestores se enquadram entre os 30 a 49 anos.

5.1.2. Sexo: Constatou-se que existem apenas 3 (três) mulheres trabalhando na função de gestores nas micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC.

5.1.3. Em que nível de formação educacional você se enquadra: Constatou-se que o nível de escolaridade dos gestores é baixo, ou seja, a maioria (8 gestores) possui escolaridade abaixo do 1º grau.

5.1.4. Quanto tempo faz que a empresa está no mercado: Constatou-se que 8 (oito) indústrias pesquisadas estão no mercado há mais de 5 anos.

5.1.5. Qual a sua função na empresa: Neste item tiveram respostas do tipo sócio, administrador(a), coordenador, dono(a), proprietário(a), entretanto, na observação, ficou constatado que todos eram considerados os responsáveis pela gestão da indústria.

5.1.6. Quantos funcionários trabalham na empresa: As respostas obtidas foram entre nenhum (apenas o proprietário trabalha na empresa) e treze funcionários.

5.1.7. Quais são os resíduos gasosos emitidos pela empresa: Observou-se que somente as micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC que utilizam a pintura em seu processo produtivo que emitem resíduos gasosos.

5.1.8. Se a empresa emite resíduos gasosos, qual o seu destino? Qual é o tratamento utilizado para a emissão dos resíduos gasosos? Constatou-se que todas as indústrias que emitem resíduos gasosos, através da pintura, possuem alguma forma de prevenção para não prejudicar o meio ambiente (cortina de água, exaustor e/ou cabine de pintura isolada).

5.1.9. Quais são os resíduos líquidos emitidos pela empresa: Obteve-se 6 (seis) indústrias que não responderam a questão por não emitirem resíduos líquidos. Entretanto, as indústrias que responderam, emitem como resíduos líquidos água, tinta e a cola.

5.1.10. Se a empresa emite resíduos líquidos, qual o seu destino? Qual é o tratamento utilizado para a emissão dos resíduos líquidos? Nessa questão obteve-se 7 (sete) gestores abstendo-se de responder. Observou-se, com aqueles que responderam, que somente a indústria 2, possui o cuidado com a água que vai para o esgoto. O gestor explicou que a fossa “sumidora” é eficaz no que se refere a filtrar os resíduos que vão ao esgoto. Constatou-se, porém, que nas outras indústrias moveleiras pesquisadas não existe tratamento para a questão dos resíduos líquidos, em alguns casos a água vai direto para a fossa da indústria, e a tinta, para o esgoto da cidade.

5.1.11. Quais são os resíduos sólidos emitidos pela empresa: Todas as micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC responderam que possuem como resíduos sólidos, a “maravalha”. “Maravalha” é a sobra da madeira utilizada no processo produtivo também conhecida como “serragem”. Ainda, existe da sobra de produção, o pó de serragem, restos de madeira, lenha e lata de tinta.

5.1.12. Se a empresa emite resíduos sólidos, qual o seu destino? Qual é o tratamento utilizado para a emissão dos resíduos sólidos? Para aqueles gestores que responderam este item, observou-se que a maioria ensaca a “maravalha” e vende aos aviários da cidade. Somente o gestor referente à indústria 8 respondeu que doa a maravalha aos chacareiros que moram próximo. A respeito das latas de tinta, a indústria 8 repassa ao Programa Oficina Educativa Verde Vida e as indústrias 3 e 4, doam a carroceiros que passam esporadicamente pela indústria. Nenhuma delas soube informar o que esses carroceiros fazem com as latas. Quanto a madeira, a indústria 2 repassa ao Cetric, que é uma central localizada em Chapecó/SC responsável pelo tratamento de resíduos sólidos, industriais e comerciais. A indústria 3 doa a quem pedir a madeira e a indústria 7 doa para uma senhora que mora perto da indústria que faz pão para vender.

5.1.13. Que tipos de matéria-prima vocês utilizam? Qual a sua origem? Provém de outros estados/exterior? A matéria-prima possui algum tipo de certificação? Neste item observou-se que existem algumas micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC que compram a matéria-prima sem a devida certificação. Ainda, houve casos, que alguns gestores responderam que não compram a matéria-prima na cidade de Chapecó por considerarem ser muito caro. Constatou-se que alguns tiveram dificuldades em entender do que se tratava a última pergunta. Estes, não sabiam o que é uma certificação e para que serviria a norma ISO.

5.1.14. O que você entende por uma política ambiental: Observou-se que muitos gestores tiveram dificuldades em responder essa questão e, alguns se sentiram até, constrangidos. Mas, todos responderam de forma geral, que deveriam “cuidar” do meio-ambiente.

5.1.15. A empresa possui uma política ambiental: Observou-se que 7 (sete) micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC confirmaram que possuem uma política ambiental. Entretanto, durante as visitas, constatou-se que somente uma indústria visitada possui um Sistema de Gerenciamento Ambiental (SGA). A realidade encontrada nas indústrias que responderam positivamente essa questão é de que não se trata de um SGA bem estruturado e sim, de alguns cuidados básicos referentes aos resíduos gasosos, líquidos e sólidos.

5.1.16. Porque a sua empresa possui uma política ambiental: Observou-se que nas falas dos gestores vêm de encontro ao que foi constatado na revisão bibliográfica, ou seja, que é uma exigência, por incutir a qualidade nos clientes internos, para não prejudicar os que “estão ao redor da empresa” e também, preservar ao meio ambiente.

5.1.17. Existe uma pessoa designada especialmente para essa função: Nenhuma micro e pequena indústria moveleira de Chapecó/SC tem uma pessoa responsável pela política ambiental. Um gestor chegou a manifestar que por um tempo existia uma pessoa designada especialmente para esta função. Entretanto, por acarretar em um custo mensal oneroso para a organização tornou-se inviável continuar com o trabalhador.

5.1.18. Qual o motivo que levou a empresa implantar uma política ambiental: Neste item, contactou-se que 7 (sete) gestores responderam que os motivos mais importantes para a implantação de uma política ambiental seriam o respeito ao meio ambiente, 6 (seis) consideram que melhora a qualidade de vida dos trabalhadores, 6 (seis) por melhorar a qualidade de vida da população e 4 (quatro) responderam que por pressões legais.

5.1.19. Você acha que conseguiu algum diferencial perante as empresas que não possuem uma política ambiental? Porque? O que se observou é que o gestor da indústria 7 não entendeu a pergunta. Na verdade, o que se procurava era conseguir respostas relacionadas com um possível diferencial de mercado perante as indústrias que não investem na questão ambiental. Em conversa com os que responderam de acordo com o esperado, constatou-se que os gestores consideram que os consumidores não levam em conta se o produto é ambientalmente correto.

5.1.20. Você acredita que os consumidores preferem adquirir produtos de empresas que poluem o meio ambiente? Porque? Constatou-se que os gestores das micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC consideram que os consumidores não levam em conta se o produto é ambientalmente correto quando na decisão de comprar.

5.1.21. Você acredita que a implantação de uma política ambiental na empresa contribui para a redução ou aumento dos custos de produção? Porque? A maioria dos gestores das indústrias visitadas considera que os custos aumentam quando da implantação de uma política ambiental. No entanto, o gestor da indústria 2 respondeu conforme as observações constatadas na revisão bibliográfica. De acordo com Tónico; Kraemer (2004, p. 119):

A introdução de práticas ambientais pode, (...), implicar a redução de custos, por meio da melhoria da eficiência dos processos, redução de consumos (matéria-prima, água, energia), minimização do tratamento de resíduos e efluentes e diminuição de prêmios de seguros, multas etc.

Como o gestor da indústria 2 já está em um estágio mais avançado a respeito da gestão ambiental em relação a outras indústrias, constatou-se que esse gestor já pode ter observado o que Tónico; Kraemer demonstraram, ou seja, em um primeiro momento pode parecer que os custos aumentam, no entanto, a médio e longo prazo os custos tendem a diminuir.

5.1.22. A empresa já perdeu algum contrato pelo fato de não possuir um programa de gestão ambiental? Se sim, como a empresa conseguiu reverter essa situação? Todos os gestores responderam que não perderam nenhum contrato pelo fato de não possuir um programa de gestão ambiental.

5.1.23. Você sabe o que é o chamado “selo verde”? Já tem implantado esse processo? Se não tem, acha importante que seja implantado? Porque? Não se encontrou nenhuma micro e pequena indústria moveleira de Chapecó/SC que tenha implantado o selo verde. E, também, observou-se que os gestores, até o momento da pesquisa, não possuíam interesse em implantar este processo.

5.1.24. Quando foi buscar informações quanto à questão ambiental, em quais órgãos pediu informação? Sentiu alguma dificuldade? Observou-se que a maioria das micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC não sentiram dificuldades quanto a buscar informações a respeito da questão ambiental. Constatou-se, porém, que a indústria 7 tem dificuldades em relação a excedente de material como o metal, ferro e alumínio.

5.2. Principais problemas identificados

Quanto à formação educacional, observou-se que, a maioria dos gestores estudou até o primeiro grau, isso pode se tornar um problema. Na aplicação dos questionários pode-se constatar que a falta de formação prejudicou o entendimento do mesmo. Por vezes, surgiram falhas na comunicação por não entenderem o que se estava tentando questionar.

Desinformação dos gestores, ainda, quanto à questão ambiental. Muitos afirmaram que possuem uma política ambiental, no entanto, a maioria tem como única iniciativa, a coleta da “maravalha” para vender nos aviários da cidade. Na verdade, constatou-se que os gestores sabem que precisam melhorar as condições ambientais da indústria, até porque na maioria das indústrias pesquisadas pelo menos um órgão responsável havia visitado para dar informações, entretanto, quando questionados, não sabiam de que forma seriam recompensados por fazê-lo.

Como avaliaram que os consumidores ainda não levam em conta o meio ambiente quando vão comprar os seus produtos, alguns não consideram importante investir na preservação do meio ambiente. Por isso, em conversa com os gestores ficou constatado que a idéia de alguns é “enrolar” a fiscalização até que não seja mais possível, por analisar que esse é um investimento, que no momento, não valerá a pena para a organização. Só que, cabe salientar, conforme foi constatado no item 5.1.24, que os órgãos responsáveis pelo meio ambiente estão exigindo que comecem a se investir na questão. A maioria respondeu que algum órgão havia visitado a indústria e dado orientação a respeito, ou seja, logo podem retornar para analisar se foi feito ou não o que lhes foi explicado.

Nos itens 5.1.8 e 5.1.9, pode parecer que os gestores não souberam distinguir o que é resíduo gasoso de um líquido. Nas respostas do item 5.1.8, as indústrias 5 e 6 não responderam que emitiam resíduos gasosos. No entanto, quando questionados a respeito de resíduos líquidos, no item 5.1.9, a indústria 5 respondeu que emite água e tinta e a indústria 6, tinta e cola. Na verdade, se verificado o processo produtivo das indústrias, se constataria que esses gestores não estão errados. Ficou constatado que dependerá da forma como a tinta é utilizada, se for com a máquina, por exemplo, esta projeta o “pó” da pintura para o ar, ou seja, estará emitindo um resíduo gasoso, entretanto, se utilizada a pintura de forma convencional, com o pincel, essa se tornará um resíduo líquido. Cabe salientar, que em alguns casos, na utilização da pintura, podem ocorrer às emissões de resíduos gasosos e líquidos ao mesmo tempo. Cabe salientar também, que o objetivo deste

estudo, não era constatar se a emissão dos resíduos é gasosa ou não, e, sim verificar de que forma as micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC estão poluindo o meio ambiente. Desinformação dos gestores quanto ao “selo verde” e as normas da ISO. Alguns até não levavam a sério quando da explicação do que se tratava. Constatou-se, porém, que os gestores consideram importante que seja implantado um programa de rotulagem ambiental e de certificação, no entanto, alguns avaliaram que está fora da realidade das micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC.

6. Considerações finais

Com o estudo em mãos cabe a cada gestor analisar em que aspecto a indústria necessitaria mudar. Porque se observou, com as visitas, que apenas uma indústria possui a preocupação quanto à questão ambiental.

Constatou-se, que muitos gestores não investem na questão até por considerarem que os clientes quando compram seus produtos, não exigem essa mudança de comportamento ambiental. Entretanto, não se pode esquecer que esse poderia ser um diferencial da indústria mesmo porque, se os gestores identificaram que os clientes brasileiros ainda não exigem essa postura, podem começar a exigir. E ainda, se caso a indústria tiver oportunidade de exportar, se não investir na questão ambiental, sentirá que em muitos países terá problemas de conseguir vender seus produtos, existem países que embargam as mercadorias se estes não estiverem de acordo com as normas ambientais. Sem esquecer, também, que os órgãos de fiscalização estão cada vez mais exigindo que as organizações cumpram com a legislação ambiental.

O que se observou é que a primeira dúvida em relação a determinadas mudanças diz respeito ao aspecto econômico. A idéia que prevalece é de que qualquer providência que venha a ser tomada em relação à mudança trará o aumento de despesas e dos custos do processo produtivo. Em um primeiro momento parecerá que é um gasto, no entanto, há exemplos de outras organizações que já implantaram essas mudanças, a tendência dos custos é diminuir porque melhora a eficiência dos processos, reduz o consumo de matéria-prima, água, energia, entre outros e, ainda, a organização não precisará arcar com multas e/ou indenizações caso venha a sofrer um acidente ambiental.

Portanto, este estudo alcançou seus objetivos, porque:

- ▶ Verificou o “estado da arte”.

Apesar de várias limitações iniciais, como a dificuldade de se encontrar bibliografias com um bom embasamento teórico, de se conseguir informações ambientais com órgãos como o IBAMA e a FATMA e ainda, informações a respeito das indústrias moveleiras de Chapecó/SC com o SEBRAE e a AMOESC. Constatou-se que, apesar das dificuldades, o objetivo foi alcançado. Cabe a cada gestor a partir das informações constatadas neste diagnóstico realizar as mudanças necessárias na indústria.

- ▶ Relatou as condições atuais existentes nas micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC relativas ao meio ambiente.

Com a análise dos questionários aplicados aos gestores das micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC e a observação “in loco” pela pesquisadora conseguiu-se relatar as condições atuais existentes relativas ao meio ambiente. Constatou-se que há uma desinformação dos gestores quanto a resíduos sólidos, líquidos e gasosos e, também, quanto à rotulagem ambiental e a as normas da ISO, e ainda, de quais as vantagens de estarem investindo na questão ambiental.

► Identificou os principais problemas relativos ao meio ambiente para as micro e pequenas indústrias moveleiras de Chapecó/SC implantarem melhorias.

Os principais problemas identificados para os gestores implantarem melhorias seriam, a baixa formação educacional dos gestores, não possuir o capital para os devidos investimentos, não verificar nenhum diferencial perante as outras indústrias do setor em estarem investindo na questão ambiental, e ainda, observarem que os consumidores não vêem diferença se a indústria está ou não investindo no meio ambiente.

Referências

BAZZI, Valdir. Presidente da AMOESC. Entrevista realizada pela MB Comunicações e os dados enviados à pesquisadora. Chapecó, 2004.

BELLANI, Eli Maria. Madeira, balsas e balseiros no Rio Uruguai: o processo de colonização do velho município de Chapecó (1917/1950). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

DONAIRE, Denis. Gestão ambiental na empresa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JÖHR, Hans. O verde é o negócio. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1994.

LOPES, Ignez Vidigal (Org.). Gestão ambiental no Brasil: experiência e sucesso. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

MAIMON, Dália. ISO 14000 – passo a passo da implantação nas pequenas e médias empresas. Rio de Janeiro: Qualymark Ed. 1999.

MOURA, Luiz Antônio Abdalla de. Qualidade e Gestão Ambiental: sugestão para a implantação das normas ISO 14000 nas empresas. 2. ver. e atual. São Paulo: Oliveira Mendes, 2000.

TACHIZAWA, Takesky. Gestão Ambiental e Responsabilidade Social corporativa: estratégias de negócios focadas na realidade brasileira. São Paulo: Atlas, 2002.

TINOCO, João Eduardo Prudêncio; KRAEMER, Maria Elizabeth Pereira. Contabilidade e gestão ambiental. São Paulo: Atlas, 2004.

WERLANG, Alceu Antonio. A colonização as margens do Rio Uruguai no Extremo Oeste Catarinense: atuação da Cia Territorial Sul Brasil – 1925 a 1954. Dissertação (Mestrado de História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.